

GEŌGRAPHIKA (1.1), DE ESTRABÃO: TRADUÇÃO E NOTAS¹

Daniel Rossi Nunes Lopes
Universidade de São Paulo

Enzo Perucelo Feliciano
Universidade de São Paulo

Resumo

Com base na edição grega estabelecida por Radt (2002), apresentamos a tradução do primeiro capítulo (1.1) da obra *Geōgraphika*, de Estrabão (c. 64 a.C. – 24 d.C.). Nesse capítulo introdutório da obra, o autor trata de definir a geografia, reconhecer os seus principais autores, justificar o arcabouço teórico-metodológico dessa disciplina e explicar os seus objetivos. Tendo em vista a ausência de traduções dos capítulos introdutórios para a língua portuguesa e a sua decorrente carência de estudos nessa língua, este artigo também traz consigo notas que visam não apenas esclarecer as escolhas de tradução aqui tomadas, mas também elucidar a compreensão do texto tanto no nível linguístico quanto no argumentativo.

Palavras-chave: Estrabão; *Geographika*; Geografia Antiga; Historiografia; Língua Grega.

Abstract

By means of the Greek edition established by Radt (2002), we present the translation of the first chapter (1.1) of the work *Geōgraphika*, by Strabo (c. 64 BC – 24 AD). In this introductory chapter of the work, the author defines geography, recognizes its main authors, justifies the theoretical-methodological framework of this discipline, and explains its goals. Given the absence of translations of the introductory chapters into Portuguese and the resulting lack of studies in this language, this article also includes notes that aim not only to clarify the translation choices made here, but also to elucidate the comprehension of the text at both the linguistic and argumentative levels.

Keywords: Strabo; *Geographika*; Ancient Geography; Historiography; Greek Language.

1. Introdução

Natural da cidade de Amaseia (atual Amasya, na Turquia), Estrabão foi um autor muito discreto sobre a sua vida privada. Além dessas informações, dentre as quais uma pode inclusive ser debatida², todos os outros poucos dados sobre a sua pessoa estão distribuídos de

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), Brasil. Processo nº 2023/03589-7

² Στράβων, que só aparece no cabeçalho dos manuscritos, é uma denominação ambígua, pois pode ser tanto um nome próprio helênico quanto a forma adaptada de um *cognomen* romano.

modo muito esparso na sua única obra sobrevivente, a *Geōgraphika*³. Não se tem consenso nem mesmo sobre o seu período de vida, visto que é por meio de expressões temporais não tão precisas e pela datação dos últimos relatos históricos apresentados em sua obra que as suas datas de nascimento e de morte são delineadas⁴. Nascido no seio da nobreza mitridática, é sabido que Estrabão desde cedo teve a oportunidade de ser instruído no estudo da gramática, da retórica e da filosofia, acumulando uma gama de conhecimentos com vários mestres dessas áreas, a saber: Aristodemo, o velho; Tirânio, o velho; e Xenarco, da Selêucia Cilícia. Quanto ao seu ganha-pão, ainda que ele não diga nada explícito sobre isso, não é improvável supor que ele tenha ganhado a vida por meio do ensino, tal como o seu amigo Atenodoro, de Tarso, sobretudo ao considerar o contato constante de Estrabão com a educação e o caráter instrutivo de sua obra. De qualquer modo, o primeiro produto desse progresso intelectual foi a publicação de uma obra de história conservada apenas em fragmentos⁵, a qual, inclusive, gozou de uma maior fama na antiguidade do que a sua obra supérstite⁶. A sua obra geográfica, por sua vez, foi provavelmente composta logo após a conclusão de sua obra de história e representa uma continuidade dos propósitos do autor, como será elucidado a seguir.

Estrabão certamente tinha uma inclinação helênica, mas ele também vivenciou as transformações sociais desencadeadas pelo avanço do Império Romano e as incorporou; as suas frequentes inserções por entre os ambientes dessa elite latina não deixam dúvida desse processo de assimilação. Desse modo, as influências absorvidas por esse autor traduzem as diversas questões que provêm desse choque cultural e, assim, a sua obra de geografia também passa a espelhar o olhar próprio desses dois mundos. Mesmo com uma educação de fundamento mais aristotélico, esse geógrafo adere às tendências estoicas dos romanos; afastando-se do “saber pelo saber”, que era comum aos gregos como Eratóstenes, o autor propõe uma investigação voltada para a prática, sobretudo com base na política romana; e, ao mesmo tempo que elogia os avanços trazidos pelo Império Romano, também é capaz de ver as mazelas e os defeitos crônicos dele, com base em um ponto de vista helênico⁷.

Uma vez que a *Geōgraphika* é a sucessora da obra histórica de Estrabão, é plausível argumentar que ela teria sido idealizada após a conclusão desta, o que teria ocorrido a partir da década de 30 a.C. (DUECK, 2000, p. 70), e que teria sido concluída pelo ano 23 d.C., data

³ Tratando-se de um adjetivo, é uma denominação geral para obras de conteúdo geográfico. A obra de Estrabão também já foi referenciada como *Geōgraphoumena* ou mesmo como *Geōgraphia*.

⁴ O intervalo entre 64 a.C. e 24 d.C. é o maior intervalo que considera essas variáveis (DUECK, 2000).

⁵ Como Malinowski (2017, p. 339–341), argumentamos que, quando Estrabão cita os *Feitos de Alexandre* (2.1.9) e os *Eventos pós-Políbio* (11.9.3), ele se refere às seções de uma única obra, os *Comentários Históricos* (1.1.23).

⁶ Cf. Sørensen (2017) para a recepção de Estrabão na antiguidade clássica.

⁷ Cf. Dandrow (2017) para essa visão mais crítica de Estrabão sobre o Império Romano.

do evento mais tardio registrado na obra. De modo geral, a sua estrutura apresenta dois núcleos específicos: o primeiro, comumente denominado *prolegômenos*, encontra-se nos dois primeiros livros e tem um caráter mais teórico e argumentativo, em que Estrabão define a geografia, apresenta o seu arcabouço teórico e metodológico, e realiza um juízo crítico do que tem sido feito até então; já o segundo trata da seção descritiva da obra, em que o geógrafo, no decorrer dos outros 15 livros, apresenta tudo aquilo que, ao seu tempo, é conhecido do mundo habitado, desde a Península Ibérica até a Índia.

A sua magnitude no contexto da literatura geográfica helênica, bem como a amplitude dos temas por ela abordados, colocam a obra de Estrabão em uma posição privilegiada em meio aos estudos clássicos. Além disso, esforços de diversas áreas do conhecimento têm sido empreendidos nos últimos anos, confirmando a fecundidade que essa obra traz consigo. No entanto, a produção de pesquisas sobre a *Geōgraphika* em língua portuguesa, como um todo, ainda está germinando, e a situação no Brasil não é uma exceção. Ainda assim, há de se mencionar importantes contribuições feitas em trabalhos de mestrado, sobretudo no âmbito da historiografia, tais como aqueles recentemente elaborados por Silva (2013), Silva (2021), Borlina (2022) e Ribeiro (2022). Ainda, deve-se mencionar o artigo produzido por Haracenko e Cruz (2024) no campo da geografia, o qual, além de suas ótimas contribuições para a área, também é notável por explicitar a ausência de uma tradução completa da *Geōgraphika* em português, fato que explica o modesto desenvolvimento desse campo de pesquisa no Brasil.

Quanto ao capítulo selecionado (1.1)⁸, com os seus 23 parágrafos, ele está inserido nos *prolegômenos* e, dentro dessa seção mais teórica da obra, representa a sua introdução, na qual o autor conceitua a geografia e estabelece as diretrizes gerais dessa disciplina, bem como os seus objetivos particulares. Seguindo um *topos* da historiografia helênica bem exemplificado em Políbio, Estrabão evita digressões pessoais e já inicia o seu texto definindo o tema de sua obra. Nesse primeiro parágrafo, estão elencados os três grandes eixos pelos quais o autor irá desenvolver as suas principais teses no que diz respeito a essa disciplina: i. Homero é o seu fundador e uma fonte imprescindível desse saber; ii. a geografia tem fundamentação na filosofia e uma base teórica rigorosa; e iii. traz uma série de benefícios aos seus leitores, sobretudo àqueles ligados à atividade política. Primeiramente, Estrabão, desde o segundo parágrafo até o décimo, demonstra como Homero é uma figura competente e como a geografia e a cosmografia apresentadas em seus poemas épicos estão em consonância com a

⁸ Além da repartição em livros, uma segmentação mais detalhada foi idealizada por Louis-Georges de Bréquigny (1763), que divide a obra em livro, capítulo e parágrafo (1.1.1, respectivamente). A divisão com base na edição de Isaac Casaubon, que usa a letra C junto à sua página correspondente (C1 ou 1C), não foi adotada aqui.

realidade. Nesse momento, o autor afirma que o poeta tem um conhecimento completo das mais diversas regiões do mundo habitado, e argumenta que certas passagens obscuras dessa poesia revelam teorias hidrológicas e astronômicas complexas. Em seguida, do décimo primeiro parágrafo até o décimo sexto, discute a afinidade dessa disciplina com a filosofia, ao elencar a amplitude de saberes necessários para a formulação de um conhecimento geográfico e os modos de realizar esse tipo de investigação. Ali, utiliza uma série de exemplos para corroborar a tese de que a geografia é constituída por contribuições da geometria, astronomia e filosofia da natureza, de modo que, sem elas, essa pesquisa torna-se incompleta. Por fim, do décimo sétimo parágrafo até o final, Estrabão passa a enfatizar os benefícios que a geografia confere aos seus leitores. Para tanto, ele seleciona exemplos de situações nas quais o conhecimento geográfico é determinante para a execução apropriada de uma ação, ao ter em mente o cidadão comum e, sobretudo, o homem político, aquele que governa cidades e povos.

Para a tradução, utilizamos o texto estabelecido por Radt (2002), uma vez que ele fornece a edição grega mais completa e é acompanhado de outros volumes com comentários linguísticos, os quais esclarecem e justificam as decisões do editor. Infelizmente, não há muitos comentadores dessa obra, então remetemos aqui sobretudo aos comentários publicados por Roller (2018), o qual é mais geral e abrange a obra inteira, e por Aujac (1966), o qual elucida as suas passagens mais científicas; e assim também fazemos o acréscimo de notas autorais. A tradução aqui realizada busca seguir de perto o texto grego no que diz respeito à sua estrutura e ao emprego de certos termos. Em específico, tentamos manter a literalidade de certas referências cardeais, sobretudo ao levar em conta a sua qualidade hodológica⁹ explicitada na própria obra (cf. 1.1.21), e dos movimentos da maré, ao salientar a sua formulação por analogias. Do mesmo modo, quanto às citações utilizadas por Estrabão, sobretudo aquelas dos épicos homéricos, optamos por uma tradução própria e mais literal, sem os imperativos poéticos, de modo a melhor acomodar o sentido delas dentro do seu respectivo contexto. Por questões de parcimônia nas notas, indicamos Estrabão apenas por E. e só o referenciamos na citação de sua obra quando for necessário para evitar ambiguidade.

2. Tradução

⁹ A descrição hodológica (ὁδός, caminho) é elaborada através da perspectiva sensorial do espaço, ou seja, caminhos e direções são referenciados para o leitor com base em elementos que podem ser vivenciados durante um percurso (p.ex. o movimento dos astros, a sucessão de estruturas da natureza etc.), e não por fatores abstratos definidos *a priori* (p.ex. as coordenadas de um mapa).

(1) Se há alguma disciplina que é própria do filósofo¹⁰, consideramos especialmente a geografia, a qual nos dispusemos a examinar agora. E que não fazemos essa consideração de maneira inescrupulosa, isso é evidente de muitas formas. Os primeiros que ousaram debruçar-se sobre ela foram figuras tais como Homero, Anaximandro, o milesiano, e seu concidadão Hecateu, conforme atesta Eratóstenes¹¹; também Demócrito, Eudoxo, Dicearco, Éforo e muitos outros, além de seus sucessores, Eratóstenes, Políbio e Posidônio, eram filósofos. A ampla erudição, apenas pela qual é possível visar este tipo de obra, é própria de nenhum outro sujeito senão daquele que contempla os temas de natureza divina e humana, cujo conhecimento dizem constituir precisamente a filosofia. Da mesma forma, sendo algo matizado¹², o seu benefício — seja para as questões públicas e para as ações de governo, seja para o conhecimento dos fenômenos celestes e, na terra e no mar, dos animais, plantas, frutos e demais coisas que há para ver em cada lugar — aponta para o mesmo tipo de homem: o que se preocupa com a arte da vida e com a felicidade.

(2) Retomemos cada um dos tópicos que foram comentados e analisemo-los melhor: primeiramente, que nós e aqueles que nos antecederam, dentre os quais Hiparco¹³, entendemos corretamente que Homero é o fundador do saber¹⁴ geográfico. Ele é superior a todos os seus antecessores e sucessores não apenas na excelência poética, mas também — pode-se dizer — no saber da vida pública, razão pela qual se dedicou não apenas aos afazeres públicos, para conhecê-los o máximo possível e transmiti-los aos homens vindouros, mas também aos lugares, tanto individualmente quanto na sua totalidade em mundo habitado¹⁵ e mar. Do contrário, não teria chegado aos confins máximos dele em seu registro, percorrendo-o circularmente.

(3) Em primeiro lugar, apresentou o mundo habitado como sendo banhado pelo Oceano por todos os lados, como de fato é. Em seguida, denominou algumas de suas regiões, ao passo

¹⁰ Certamente, E. emprega φιλόσοφος de modo mais genérico. Roller, p. ex., o traduz por *scholar*.

¹¹ Eratóstenes, de Cirene (c. 276–194 a.C.), foi um polímata heleno, diretor da biblioteca de Alexandria e um dos autores chaves para os debates trazidos por E. A sua *Geōgraphika* foi responsável por cunhar esse estilo literário e formalizar a estrutura dele.

¹² O adjetivo ποικίλη compreende qualidades físicas (brilho, alternância de cores e padrão) e/ou abstratas (complexidade). Em suma, exprime a articulação e a justaposição de elementos em uma totalidade harmônica (GRAND-CLÉMENT, 2015).

¹³ Hiparco, de Niceia (c. 190–120 a.C.), foi um importantíssimo astrônomo helênico, responsável por implementar as contribuições babilônicas na astronomia grega. Ainda que a sua obra *Contra Eratóstenes* seja essencial nas discussões trazidas por E. Parece que a sua abordagem era insuficientemente geográfica (cf. 2.1.39–41), e isso é reforçado pela sua ausência na lista de geógrafos citada no capítulo anterior.

¹⁴ ἐμπειρία, que aqui é proveitoso diferenciar de ἐπιστήμη, indica um saber que é obtido essencialmente através da experiência, o que reforçaria a veracidade das viagens e dos registros de Homero.

¹⁵ τὴν οἰκουμένην γῆν é a massa continental que, *grosso modo*, corresponde ao que era conhecido da Eurásia e da África. Tem um certo formato de clâmide (2.5.9) e está localizada no hemisfério norte (cf. 2.5.27–33 para um sumário de suas regiões). Embora aqui o núcleo do sintagma seja terra (γῆ), E. costuma empregar οἰκουμένη isoladamente e, inclusive, de modo a também englobar as seções marinhas.

que insinuou outras por meio de certas pistas. Por um lado, faz menção explícita da Líbia e da Etiópia¹⁶, bem como dos sidônios e dos erembos¹⁷ — por estes, aparentemente se referia aos árabes trogloditas¹⁸ —, por outro, faz insinuações sobre os povos do levante e do poente, que são banhados pelo Oceano. Pois é ali que descreve o Sol nascendo e se pondo, tal como as estrelas: “Nas lavours, o matutino Sol despontava do Oceano de calma e profunda corrente” (*Il.* 7.421 sq.; *Od.* 19.433 sq.); “O brilho do Sol luminoso mergulhou no Oceano, puxando consigo a noite escura” (*Il.* 8.485 sq.); e diz que as estrelas “vêm banhadas do Oceano” (*Il.* 5.5–6).

(4) Sobre os povos do poente¹⁹, realça a prosperidade e o bom temperamento de seu ambiente, já que, como parece, estava informado sobre a riqueza ibérica, contra a qual Héracles²⁰ investiu, assim como mais tarde os fenícios — os quais se apoderaram da maior parte dela — e, depois, os romanos. Pois é ali onde surgem os sopros de Zéfiro, é ali onde o poeta apresenta os Campos Elísios, para onde diz que Menelau será enviado pelas divindades: “Os imortais te enviarão aos Campos Elísios e aos limites da terra, onde está o louro Radamanto, lá onde está a melhor forma de vida [...], não há nevasca nem forte inverno [...], o Oceano sempre impulsiona estridentemente as brisas sopradas por Zéfiro²¹” (*Od.* 4.563–8.).

(5) Também as Ilhas dos Bem-Aventurados²² estão dispostas diante do confim ocidental da Maurúsia²³, na porção em que a extremidade da Ibéria converge para ela. É evidente pelo nome que elas também eram consideradas prósperas devido à proximidade com tais regiões.

(6) Sem dúvida, ele deixa claro que os etíopes de fato são os mais remotos à beira do Oceano, porque os mais remotos são os “etíopes, repartidos em dois, os mais remotos dentre os homens” (*Od.* 1.23) (e não diz “repartidos em dois” sem rigor, como será demonstrado

¹⁶ Λιβύη designa as terras ao oeste do Rio Nilo, já Αἰθιοπία compreende uma porção ao sul do continente africano muito maior do que a do atual país. Tal continente, por sua vez, é denominado Líbia nesta obra.

¹⁷ São uma das grandes incógnitas da literatura homérica. Apolodoro (*Str.* 7.3.4–6) questiona a validade de Homero por sua ambiguidade em relação a esse povo e acaba por também identificá-los com os Ἀραβες.

¹⁸ Literalmente, *aqueles que se enfiam buracos*, i.e., habitantes de cavernas (cf. 7.5.12). A forma transmitida (τρογλοδύτης) parece ter sido contaminada por uma etimologia popular (τρώγη + δύω), tendo em vista que, em Heródoto (*Hist.* 4.183), a sua forma original é Τρωγοδύτας.

¹⁹ Literalmente, *homens do ocaso* (ἐσπερίων ἀνδρῶν). Na geografia helênica, não há a sistematização das direções cardeais e elas podem ser referenciadas pela direção: i. de ascensão e descensão do Sol (levante e poente); ii. dos fenômenos derivados do movimento anterior (aurora e ocaso); e iii. de origem dos ventos (Bóreas e Noto). Para uma análise dessas referências e de suas implicações hodológicas, cf. Yakovleva (2021).

²⁰ Refere-se ao roubo do gado de Gerião feito por Héracles, registrado na *Gerioneida* de Estesícoro (fr. 4–9 ed. Page).

²¹ Notar a utilização de Zéfiro, o vento de oeste, como chave para o argumento. O verso transmitido por E. diverge da maioria dos códices da *Iliada*, ao registrar πνεύοντας em vez de πνεύοντος.

²² Alguns autores as identificam com as Canárias ou com a Madeira, mas o próprio E. não fornece mais nenhuma informação sobre elas. Plínio, o velho (*Nat.* 6.37), traz relatos mais detalhados sobre a sua possível localização.

²³ Ou *Mauretania*, como os latinos a designavam. Corresponde, *grosso modo*, ao noroeste do atual Magreb.

adiante²⁴); e que estão à beira do Oceano, porque “Zeus deslocou-se ontem ao Oceano para um banquete junto aos nobres etíopes” (*Il.* 1.423–4). E que os limites mais setentrionais também são orlados pelo Oceano, assim insinua ao falar da Ursa²⁵: “Só ela é privada dos banhos do Oceano” (*Il.* 18.489; *Od.* 5.275). Pois ele indica o círculo setentrional²⁶ por meio da Ursa e do Carro, do contrário, visto que várias estrelas orbitam essa mesma região que é sempre observável, não teria dito “só ela é privada dos banhos do Oceano”. Desse modo, acusá-lo de ignorância não é correto, como se ele só conhecesse uma Ursa e não duas (e não é plausível que a outra havia sido classificada naquele tempo, é que essa convenção só foi também transmitida aos helenos depois que os fenícios a catalogaram e passaram a usá-la na navegação²⁷, tal como ocorreu com a Cabeleira de Berenice e a Canobo²⁸, as quais foram recentemente nomeadas²⁹, ao passo que muitas outras estrelas ainda hoje não possuem nomes, como Arato também assinala). Decerto, nem Crates escreve corretamente “*só ele é privado dos banhos*”³⁰, evitando aquilo que não era necessário ser evitado. Melhor e de um modo mais homérico é Heráclito, que, de modo semelhante, usa o termo Ursa em vez de círculo setentrional: “O limite da aurora e do ocaso é a Ursa e oposta à Ursa está a divisória do límpido Zeus”³¹. De fato, o círculo setentrional é a fronteira do poente e do levante, e não a Ursa. Além de indicar o círculo setentrional por meio da Ursa, a qual também chama de Carro e diz que espreita Órion, também indica o horizonte por meio do Oceano, para o qual faz os astros descenderem e a partir do qual os faz ascenderem. E quando diz que a Ursa revoluciona ali e não interage com o Oceano, reconhece que o círculo setentrional é gerado com base no ponto mais setentrional do horizonte. De fato, ao adequarmos a formulação poética de modo

²⁴ De acordo com E. (1.2.24–28), Homero generalizou os povos mais meridionais do mundo sob uma mesma nomenclatura: etíopes. O atual Mar Vermelho seria o divisor desses povos entre ocidentais e orientais.

²⁵ A constelação da Ursa Maior.

²⁶ Em grego, ἀρκτικός, é um adjetivo derivado da Ursa Maior (Ἄρκτος). É o círculo traçado na abóbada celeste, cujo centro está no seu pólo celeste correspondente, que envolve todas as estrelas que não se põem durante a revolução celeste: as estrelas circumpolares. A grandeza desse círculo, denominado atualmente calota circumpolar, varia à medida que se altera a latitude do observador: o seu diâmetro é o dobro da latitude correspondente. No entanto, há outras passagens em que E. também reconhece um círculo fixo, que é projetado na Terra em uma determinada latitude, semelhante ao que denominamos círculo polar.

²⁷ No verbete sobre a Ursa Menor contido no *Epitome Catasterismorum*, de pseudo-Eratóstenes, diz-se que ela também é denominada fenícia (Φοινίκη).

²⁸ Correspondem, respectivamente, à constelação *Coma Berenices* e à estrela *Canopus* (α Carinae).

²⁹ Como o particípio κατῳνομασμένον muito provavelmente também abarca τὸν Βερενίκης πλόκαμον, o singular é justificado por uma atração exercida pelo seu último referente, τὸν Κάνωβον.

³⁰ Crates altera o gênero do adjetivo (οἷη > οἷος) para explicitar que se trata do círculo setentrional. Aqui seguimos os códices, e não a emenda adotada por Radt: Maass (1892, p. 189), com base no verbete ἄμμορον, do *lexicon homericum* de Apolônio, altera οἷος para οἷ· ἦ. Desse modo, ao segmentar οἷη, Crates desloca οἷ para a oração precedente e agrupa ἦ com ἄμμορος. E. geralmente recusa emendas, preferindo uma intervenção mais exegética a editorial, como visto aqui.

³¹ Heráclito teria estabelecido assim as fronteiras das quatro direções cardeais. Cf. Kahn (1979, p. 161–163), Marcovich (1967, p. 336–340) e Lebedev (1985, p. 131–132) para outras análises.

consistente com isso, devemos aceitar que o horizonte é o que, na terra, corresponde ao Oceano, e que o círculo setentrional toca a terra, como seria indicado pela percepção, no ponto mais setentrional dos lugares habitados, de modo que, de acordo com ele, também essa parte da terra seria banhada pelo Oceano³².

E também conhece os povos mais boreais, dos quais não indica um nome — ora, nem mesmo hoje se tem estabelecido um nome comum para todos eles —, mas os indica pelo modo de vida, ao referi-los como nômades³³ e “ilustres ordenhadores de éguas, que se nutrem pelo leite e não têm meios de vida” (*Il.* 13.5–6).

(7) Também indica de outras maneiras que o Oceano envolve circularmente a terra, tal quando Hera disse assim: “Irei aos limites da fértil terra e Oceano, origem das divindades” (*Il.* 14.200–1). Pois bem, afirma que o Oceano está conectado com todas as extremidades e que as extremidades estão envolvidas circularmente. E, na *Fabricação das Armas*³⁴, dispõe circularmente o Oceano na borda do escudo de Aquiles.

E faz parte dessa diligência também não ignorar os fenômenos de inundação do Oceano e de recuo “do Oceano refluyente” (*Il.* 18.399; *Od.* 20.65), ao também dizer “em um dia, três vezes expele e outras três sorve” (*Od.* 12.105)³⁵. Mesmo se não forem três vezes, mas duas — talvez porque ele divergiu da história ou porque o texto está incorreto —, a intenção de qualquer modo é a mesma. E “de calma corrente” (*Il.* 7.422; *Od.* 19.434) também contém uma sugestão da inundação, a qual tem uma ascensão moderada, e não exatamente como uma corrente. Já Posidônio conjectura que, quando Homero relata o promontório ora coberto, ora descoberto, e então fala do Oceano como um rio, o caráter torrencial do Oceano no tocante às inundações está expresso. Na verdade, o primeiro relato está de acordo, já o segundo não tem lógica, pois a ascensão da inundação não se assemelha a uma corrente fluvial, e muito menos o recuo é de tal natureza. O argumento de Crates instrui de forma mais convincente³⁶. Ora,

³² E. parece presumir que essa declaração foi feita com base no Paralelo Fundamental (36° N) e, nessa latitude, o círculo setentrional se forma em $\delta = 54^\circ$ (declinação, i.e., o seu arco a partir do Equador Celeste). Assim, ao fazer uma transposição entre esfera celeste e esfera terrestre, o litoral norte é delimitado pela latitude correspondente, ou seja, em 54° N (cf. 2.1.17).

³³ E. propõe que esse povo não nomeado por Homero corresponde aos citas e aos sármatas, os quais, por sua vez, também são termos genéricos para coletividades muito diversas (7.3.2–7).

³⁴ Episódio da *Iliada* (18.607 sq.) em que é descrita a confecção das novas armas de Aquiles feitas por Hefesto, com um grande detalhamento das imagens gravadas no escudo por essa divindade.

³⁵ Os movimentos da maré. Inundação (πλημμυρίς) designa um transbordamento hídrico comum, tendo sido herdado pelo neo-helênico em πλημμύρα para indicar enchentes fluviais. Recuo (ἄμωτις) também mantém uma analogia, indicando algum tipo de reabsorção ou de sucção, o que forma um paralelo interessante com o verbo ἀναρροῖβει, utilizado para descrever a ação de sorver feita por Caríbdis.

³⁶ Registrado por Plutarco em *De facie in orbe Lunae* (938d), o raciocínio de Crates parece estar pautado em uma sequência do verso *Il.* 14.246 que foi censurada por Aristarco: “Oceano, ele que foi designado como a origem de todos | os homens e deuses, ele que flui ao redor da terra em sua totalidade”. No original: Ὠκεανός, ὅσπερ γένεσις πάντεσσι τέτυκται | ἀνδράσιν ἡδὲ θεοῖς, πλείστην <τ> ἐπὶ γαῖαν ἵησιν.

Homero diz que o Oceano inteiro é “de corrente profunda” (*Il.* 14.311; *Od.* 11.13, 19.434) e “retrógrada” (*Il.* 18.399; *Od.* 20.65) — e, semelhantemente, “rio” —, mas também diz que uma parte do Oceano é “rio” e “corrente do rio” — não a sua totalidade, mas uma parte —, tal quando diz assim: “Após a nau abandonar a corrente do rio Oceano, ela alcançou a onda do mar de amplo caminho” (*Od.* 12.1–2).

Pois não se refere à totalidade dele, mas à corrente do rio que é interna ao Oceano, que é uma parte do Oceano, sobre a qual Crates diz ser um tipo de estuário ou de golfo que se estende do trópico de inverno até o polo austral³⁷. Neste caso, alguém, ao abandoná-la, ainda poderia estar no Oceano, no entanto, abandonar o todo e ainda permanecer no todo não é possível. Homero, de fato, fala assim: “Abandonou a corrente do rio [...] e alcançou a onda do mar”, o qual não é nenhum outro senão o Oceano. Assim, se alguém entendesse de outra forma, ficaria: “Após sair do Oceano, chegou ao Oceano”. Mas essas questões são para uma discussão mais prolongada.

(8) Que o mundo habitado é uma ilha, isso deve ser presumido primeiramente pela percepção e pela experiência. De fato, para qualquer direção que aos homens foi possível avançar rumo aos confins da terra, foi encontrado mar, o qual evidentemente chamamos de Oceano. E onde não foi possível constatar isso pela percepção, o raciocínio demonstra³⁸. O lado oriental, próximo aos indianos, e o ocidental, próximo aos iberos e maurúsios, são completamente navegáveis *** em grande parte a porção austral e a boreal³⁹. Quanto ao restante do mar não navegado por nós até hoje, visto que nunca houve contato entre navegações de origens opostas, ele não é tão grande, se se fizer a soma das distâncias paralelas já alcançadas por nós. E não é plausível que o pélago Atlântico⁴⁰ seja bipartido, separado por istmos tão estreitos que impedem a circum-navegação; mas é mais provável que seja confluyente e contínuo. Ora, aqueles que tentaram circum-navegar e depois voltaram afirmam terem tido que recuar não por causa de algum continente que se impunha à frente e os impedia de navegar adiante, mas pela falta de suprimentos e pelo isolamento (tampouco o mar possuía uma passagem menor). E isso está bastante de acordo com os comportamentos do Oceano no tocante aos recuos e às inundações, ao menos em todos os lugares sucede o mesmo

³⁷ Ou seja, do Trópico de Capricórnio até o Pólo Sul. Para Crates (*Str.* 1.2.24, 2.5.10), a Terra possui quatro continentes em cada um de seus quadrantes, os quais são segmentados por duas faixas de mar, uma no sentido meridional e outra no equatorial. Portanto, esse estuário ou golfo é a parte da faixa marinha que divide meridionalmente os dois continentes austrais.

³⁸ Procedimento corrente desde Aristóteles (*Meteor.* 344a).

³⁹ Como há uma quebra de sentido, conjectura-se que houve uma omissão no texto transmitido, sinalizado pela lacuna. É razoável argumentar que se trata de um simples δὲ, como foi cogitado por Radt (2006).

⁴⁰ Com *Atlântico*, E. refere-se à porção ocidental do Oceano que vai até a Índia. Pélago (πέλαγος) diferencia-se de mar (θάλασσα) na medida em que indica uma porção marítima distante da costa.

gênero de mudanças: aumentos e diminuições (ou algo não muito diverso⁴¹), como se esse movimento se desse por conta de um único pélago e de uma única causa.

(9) Hiparco não é convincente ao contestar essa ideia, ao considerar que o Oceano não sofre um processo homogêneo em todas as suas partes e que, mesmo se isso fosse aceito, não se segue disso que o pélago Atlântico flua continuamente em todo o seu redor (para a inexistência de um processo homogêneo, traz como testemunha Seleuco, o babilônio). Já nós, com vistas a uma discussão mais detalhada acerca do Oceano e das inundações, remetemos a Posidônio e a Atenodoro, que dominam satisfatoriamente a reflexão acerca desses temas. Por ora, dizemos apenas que é melhor aceitá-la, seja em vista da homogeneidade, seja porque os corpos celestes seriam mais bem mantidos pelas exalações quanto mais o úmido estivesse espalhado ao redor⁴².

(10) Então, da mesma forma que o poeta conhece e descreve com clareza os confins do mundo habitado e o que o circunda, assim também as regiões do mar interior. A começar pelas Colunas de Hércules, circunscrevem-no Líbia, Egito e Fenícia, depois as terras ao redor do Chipre, em seguida os sólimos, os lícios e os cários, e, após eles, o litoral entre o Mícale e a Trôade⁴³, bem como as ilhas contíguas, sobre as quais ele menciona de forma integral, e, na sequência, as regiões ao redor do Propôntida, o Mar Euxino até a Cólquida e a expedição de Jasão⁴⁴. Além do mais, também conhece o Bósforo Cimério, uma vez que reconhece os cimérios⁴⁵(*Od.* 11.14). Certamente, não é o caso de conhecer o nome dos cimérios, mas ser ignorante sobre eles, os quais, em seu tempo ou um pouco antes, investiram contra toda a terra do Bósforo até a Jônia. De toda a sorte, alude ao clima⁴⁶ da região deles, o qual é nebuloso, ao dizer assim: “Pela bruma e pela nuvem ofuscados, nunca o Sol luminoso resplandece para eles [...], mas a noite funesta sobre eles está disposta” (*Od.* 11.15–16, 19). E também reconhece o Istro, porque menciona os mísios, uma tribo da Trácia que vive às margens do Istro⁴⁷.

⁴¹ Em certas regiões do mundo, a intensidade das marés é quase nula, como no Mar Mediterrâneo. Não é fortuito que, por muito tempo, esse fenômeno tenha sido uma charada para os povos mediterrâneos e que Posidônio teve que ir até Cádiz, cidade no litoral atlântico, para poder analisá-lo melhor.

⁴² Além dessa constatação, E. adere especificamente à consideração de que o Oceano também deve perpassar o equador terrestre, de modo a acompanhar por baixo o caminho do Sol (e, possivelmente, alimentá-lo); formulação elaborada por Cleantes. Cf. os comentários de Kidd (2004) em F49 (141–5) e F118.

⁴³ O monte Mícale e a região da Trôade, atual Península de Biga, onde estava localizada a cidade de Troia.

⁴⁴ Propôntida (literalmente, *anterior ao Ponto*) é o atual Mar de Mármara; Mar Euxino, ou Ponto Euxino, é o atual Mar Negro; e Cólquida é uma região histórica ao sul do Cáucaso, aproximadamente onde hoje está a Geórgia. E., ao se basear nas passagens homéricas que mencionam as *Argonáuticas* (*Il.* 7.468; *Od.* 12.72), argumenta que o poeta tem familiaridade com essa última região.

⁴⁵ Outro povo enigmático da historiografia helênica, cujas migrações foram registradas por Heródoto (*Hist.* 1.6). O seu bósforo corresponde ao atual estreito de Quêrche, ao norte do Mar Negro.

⁴⁶ Em grego, κλίμα (literalmente, *inclinação*), refere-se a uma faixa de terra delimitada latitudinalmente no globo. Essa é uma das raras passagens em que o termo coincide com a nossa noção de clima.

⁴⁷ O atual Danúbio.

Também conhece o seu litoral contíguo, o qual é trácio até o Peneio, porque nomeia os peônios, o Atos e o Áxio, bem como as ilhas situadas à frente deles⁴⁸. Em seguida, há o litoral dos helenos até o dos tesprocianos, o qual menciona integralmente. Além do mais, conhece a península da Itália, pois cita Temesa e os sículos⁴⁹, bem como a península da Ibéria e a sua prosperidade, sobre a qual falamos há pouco.

E se há algumas lacunas entre as regiões, pode-se tolerá-las, pois, na realidade, também o geógrafo evita muitos dos pormenores. Também é tolerável se elementos fabulosos foram inseridos nas narrativas investigativas e instrutivas e não se deve censurá-los. Não é verdadeiro o que Eratóstenes afirma, que todo poeta visa o entretenimento, mas não a instrução. Pelo contrário, dentre aqueles que em algum grau trataram da poética, os mais sensatos dizem que a poesia é algo como uma filosofia elementar.

De Eratóstenes, contudo, iremos tratar com mais detalhes adiante, quando retomarmos a discussão sobre o poeta, (11) já aqui, quanto ao fato de que Homero deu início à geografia, o que foi dito é o suficiente. Evidentemente, os seus sucessores também são homens memoráveis e familiarizados com a filosofia, dentre os quais Eratóstenes diz que os primeiros depois de Homero são dois: Anaximandro, discípulo e concidadão de Tales, e Hecateu, o milesiano. De fato, aquele publicou a primeira tabuleta geográfica⁵⁰, enquanto Hecateu deixou uma obra a qual lhe é creditada, dada a similaridade com os demais escritos dele.

(12) A bem da verdade, muitos têm dito que, para essas tarefas, é necessária uma ampla erudição. Hiparco demonstra corretamente em *Contra Eratóstenes* que, para todos, seja para um leigo, seja para um estudioso, é impossível alcançar uma investigação geográfica adequada sem a apuração dos fenômenos celestes e das observações dos eclipses. Como no caso da Alexandria próxima ao Egito⁵¹, ninguém é capaz de determinar se ela está mais ao norte ou ao sul do que a Babilônia, tampouco a grandeza dessa distância, sem a apuração das latitudes⁵². Similarmente, em relação à disposição delas em direção ao levante ou ao poente, ninguém conseguiria reconhecer com precisão essa estimativa senão pelas comparações dos eclipses do Sol e da Lua⁵³.

⁴⁸ Rio Peneios (ou Salamvrias), na Tessália; Monte Atos, na Calcídica; e Rio Axios (ou Vardar), na Tessalônica.

⁴⁹ Temesa (ou Tempa) foi uma cidade que hoje estaria localizada próxima a Nocera Terinese, na Calábria.

⁵⁰ Provavelmente um mapa. De acordo com o Agatemero (*Geog.* 1.1.2), a cartografia antiga adotava o modelo homérico, ou seja, ilustrava o mundo habitado como um círculo cujo centro está em Delfos.

⁵¹ Como a cidade está fora do delta do Nilo, a oeste da boca canópica, não está dentro das fronteiras egípcias.

⁵² Um cálculo que pode ser feito de diversas formas e em épocas diferentes do ano. A mais prática e segura delas é feita com base no gnômon: ao encontrar a altura angular do Sol no seu momento de culminação durante o dia do equinócio, a sua colatitude resultante indica a latitude aproximada do observador (AUJAC, 1966, p. 161–3).

⁵³ Era necessário que pelo menos dois astrônomos em diferentes longitudes registrassem o horário de início do mesmo eclipse lunar. Isso realizado, a comparação é feita pela equivalência de 1 hora = 15° (pela consideração de que o dia tem 24 horas e que a circunferência da terra tem 360°). Como esse era um método trabalhoso, essa

(13) Isso é o que ele de fato alega sobre esse assunto. E todos que se empenham em comentar sobre as particularidades dos lugares se colocam apropriadamente em contato com os fenômenos celestes e com a geometria⁵⁴, ao explicar formas, dimensões, distâncias⁵⁵ e zonas, bem como o calor e o frio, ou, de forma sucinta, a natureza de sua atmosfera. Visto que um construtor antevê esses fatores ao elaborar uma habitação, bem como um arquiteto ao conceber uma cidade, um homem que examina o mundo habitado em sua totalidade não deve fazer por menos, pois isso lhe compete muito mais. Pois bem, em áreas pequenas, estar situado mais ao norte ou mais ao sul não proporciona uma variação relevante, mas, em toda a circunferência do mundo habitado, onde o Norte se estende até as últimas partes da Cítia ou da Céltica e o Sul vai até as últimas partes da Etiópia, uma diferença imensa se apresenta; e de forma equivalente o residir entre os indianos ou entre os iberos, sobre os quais sabemos que, sendo aqueles os mais orientais e estes os mais ocidentais, são, de certo modo, antípodas um do outro.

(14) Todas essas diferenças que têm como princípio a movimentação do Sol e dos demais astros, bem como a tendência em direção ao centro⁵⁶, obrigam-nos a observar o céu e os fenômenos celestes que se manifestam para nós em cada um dos lugares, e neles são observadas imensas variações por entre os lugares habitados. Então, quem, ao expor as diferenças entre os lugares, seria capaz de explicá-las correta e satisfatoriamente sem ter refletido sobre nenhuma daquelas questões, nem por um instante? E, mesmo se não for possível descrever com precisão tudo em relação a esse tema, porque o escopo desta obra é mais político, ainda assim seria razoável ir nessa direção, à medida que seja possível ao homem político acompanhar o raciocínio.

(15) E aquele que elevou assim o pensamento tampouco deixa de lado toda a Terra. Seria risível se alguém, em sua pretensão de expor o mundo habitado com clareza, ousou se debruçar sobre os fenômenos celestes e servir-se deles em prol da instrução, mas não refletiu em nada sobre a totalidade da Terra, cujo mundo habitado é apenas uma parte, nem sobre a sua dimensão, nem sobre as suas qualidades, nem sobre a sua posição no conjunto do cosmo; nem sequer sobre se apenas uma das suas partes é habitada, a nossa, ou se há mais outras e quantas seriam; e, então, tampouco sobre a dimensão e as qualidades da seção inabitada dela,

técnica já à época de Ptolomeu havia se perdido e os geógrafos de então tinham que confiar em dados muito antigos (AUJAC, 1966, p. 160).

⁵⁴ Ao considerar que a geometria ainda tinha uma forte relação com os cálculos das estruturas terrestres (2.5.4, 17.1.3), E. volta a ilustrar essa dupla composição entre terra e céu para definir a geografia.

⁵⁵ ἀποστήματα é um conceito particular da astronomia que, desde Aristóteles (*De Cael.* 294a4), é empregado para definir a distância de corpos celestes em relação à Terra.

⁵⁶ Tendência descrita por Platão (*Tim.* 62d) e Aristóteles (*De Cael.* 276a18–279b3), de que os corpos tendem para o centro do cosmo. Como aqui é adotado o modelo geocêntrico, esse centro corresponde ao núcleo da Terra.

e sobre o porquê de ela ser assim. Portanto, parece que o gênero⁵⁷ da geografia é composto por uma competência meteorológica⁵⁸ e geométrica, conectando os elementos terrestres aos celestes em uma unidade, como se fossem muitíssimo próximos, e não tão separados “quanto o céu está da terra” (*Il.* 8.16).

(16) Agora, acrescentemos à tal ampla erudição a investigação da superfície terrestre, por exemplo: animais, plantas e tudo aquilo de proveitoso e de nocivo que a terra e o mar provêm. Pois bem, imagino que isto possa tornar mais evidente o que eu estou afirmando.

Que há um grande benefício para todos que se voltam para esse tipo de investigação, isso é evidente tanto pela tradição antiga quanto pelo raciocínio. Ao menos os poetas apresentam os heróis mais argutos como aqueles que se afastaram de suas terras e perambularam por vários lugares, pois confere grande estima para o “ver as cidades de muitos homens e conhecer as suas mentes” (*Od.* 1.3); também Nestor se enaltece por ter convivido com os lápitás, ao ter vindo como um emissário “de longe, de terras remotas, pois eles me convocaram” (*Il.* 1.270); e, de forma semelhante, Menelau: “Vaguei pelo Chipre, pela Fenícia e entre os egípcios, e alcancei os etíopes, sidônios, erembos e a Líbia, onde as cabras nascem com chifres” (*Od.* 4.83–5); acrescentando também a particularidade do território: “A ovelha dá à luz três vezes ao ano” (*Od.* 4.86) e “ali a fértil lavoura germina drogas em abundância” (*Od.* 4.229 sq.); e sobre a Tebas egípcia: “Há cem portões e de cada um deles saem duzentos homens com cavalos e carros” (*Il.* 9, 383 sq.). Todas essas informações constituem alguns dos principais requisitos para o saber prático⁵⁹, pelo qual se estuda a natureza da região e os seus tipos de animais e de plantas (mas também é preciso adicionar as questões referentes ao mar, já que somos anfíbios de certo modo, ou seja, não mais terrestres do que marítimos). É provável que também seja pela sua experiência e informação vastas que Hércules foi chamado de “mestre de grandes feitos” (*Od.* 21.26).

Certamente, o que afirmamos no início se atesta tanto pela tradição antiga quanto pelo raciocínio. E me parece que aquele argumento se aplica especialmente à presente discussão, segundo o qual a maior parte da geografia concerne aos afazeres políticos. Ora, a terra e o mar que habitamos constituem o campo de ações: o campo pequeno é próprio das ações pequenas; ao passo que o grande, das grandes. A totalidade é o maior deles, a qual nomeamos particularmente de mundo habitado, de modo que esse seria o campo das maiores ações. E as

⁵⁷ Em grego, εἶδος.

⁵⁸ Sem maiores prejuízos, identifica a mesma disciplina que a astronomia, retomando uma nomenclatura que é mais associada a Aristóteles.

⁵⁹ φρόνησις, dado o contexto, muito provavelmente remete a essa acepção aristotélica.

maiores ações⁶⁰ são próprias dos generais que são capazes de governar por terra e por mar, unificando povos e cidades sob um poder e administração política únicos. Assim, é manifesto que a geografia como um todo edifica as ações governamentais, ao descrever os continentes e os pélagos, tanto os internos quanto os externos à totalidade do mundo habitado. Contudo, essa descrição compete àqueles para os quais faz diferença as coisas estarem dispostas assim ou de outro modo, e serem conhecidas ou incógnitas. Ora, seria mais fácil de lidar com cada um dos lugares quando se conhece a dimensão da região, como ela está disposta e certas diferenças presentes em sua atmosfera e em si mesma. No entanto, uma vez que diferentes autoridades governam territórios diferentes, executam ações a partir de postos e pontos de partida diversos e ampliam a extensão de seu governo, não é possível a esses homens nem aos geógrafos conhecer tudo de forma igual, mas é um conhecimento parcial que muito é observado em meio a ambos. Com efeito, mesmo se todo o mundo habitado fosse subjugado por um poder e por um regime político únicos⁶¹, dificilmente tudo seria igualmente conhecido; nem assim seria o caso, pois os elementos mais próximos seriam mais bem reconhecidos e seria conveniente apresentá-los com mais detalhe, a fim de serem então mais bem conhecidos, pois também estão mais próximos das necessidades. Desse modo, não seria surpreendente se fosse conveniente haver um corógrafo⁶² aos indianos, um aos etíopes e um outro aos helenos e aos romanos. Ora, de que modo seria conveniente a um geógrafo entre os indianos referir-se às regiões da Beócia assim como Homero: “Eles que ocupavam a Iría e a Áulide pedregosa, Esqueno e Escoló⁶³” (*Il.* 2.496 sq.)? Isso convém a nós, mas não coisas tão específicas entre os indianos e com tantos detalhes, pois nem a necessidade faz tal exigência, ela que é, acima de tudo, o parâmetro para este gênero de estudo.

(17) E o seu benefício também é evidente nas pequenas tarefas, como nas caçadas: alguém caçaria melhor ao ter conhecimento das qualidades do bosque e da dimensão dele; e fazer corretamente acampamentos, emboscadas e marchas numa região é próprio de quem a conhece. Não obstante, isso é ainda mais claro nas maiores, à medida que os prêmios da experiência e os reveses da ignorância são maiores. É certo que a expedição de Agamêmnon,

⁶⁰ A conjectura oferecida por Radt (2002), μέγιστα δ' αἱ, sana de forma satisfatória a confusão que foi gerada por μέγιστοι δὲ, como foi transmitido nos manuscritos.

⁶¹ E. alude ao Império Romano, o qual costuma ser referenciado de modo positivo na obra. A tendência de almejar a unificação política e a cidadania universal ecoa certos pressupostos do estoicismo (AUJAC, 1983, p. 25).

⁶² Assim como em Ptolomeu (*Geog.* 1.1), a diferença entre corografia e geografia reside nos métodos empregados para realizar a sua descrição e, sobretudo, no recorte escalar dela: aquela tem caráter regional; já esta, global.

⁶³ No imaginário helênico, Escoló, na Beócia, simbolizava um lugar prosaico e de difícil acesso, vide o provérbio empregado por E.: “Não vá a Escoló nem mesmo acompanhado” (9.2.23). No original: εἰς Σκῶλον μήτ' αὐτὸς ἶναι, μήτ' ἄλλω ἔπεσθαι.

após saquear a Mísia pensando ser a Trôade, retornou para casa em desonra. Os persas e os líbios, quando suspeitaram que os estreitos eram braços de mar fechados, aproximaram-se de grandes perigos e deixaram para trás os troféus de sua ignorância: os primeiros, o túmulo de Salganeu (próximo ao Euripo Calcídico⁶⁴), que foi decapitado pelos persas, pois estes pensaram que ele conduzia a expedição da Mália até o Euripo de maneira leviana; e os segundos, o monumento de Peloro, também executado por um motivo semelhante⁶⁵. A Hélade ficou cheia de naufrágios durante as campanhas de Xerxes, e a colonização dos eólios e a dos jônios também deixaram para trás muitos fracassos desse tipo. Do mesmo modo, também houve triunfos, onde algo foi logrado graças à experiência de lugares, tal como nos estreitos das Termópilas: dizem que Efialtes, após revelar aos persas uma passagem por entre as montanhas, entregou-lhes os homens comandados por Leônidas e permitiu aos bárbaros adentrarem os Portões⁶⁶. E, deixando de lado os relatos antigos, considero a atual campanha dos romanos contra os partos uma prova satisfatória disso, assim como aquelas contra os germanos e contra os celtas⁶⁷, nas quais os bárbaros fizeram o terreno lutar a seu favor nos pântanos, nas florestas impenetráveis e nos desertos, ao fazer com que o perto parecesse longe aos ignorantes e ao escamotear as estradas e as provisões de alimentos e de outras coisas.

(18) Pois bem, a maior parte da geografia, como foi dito, concerne ao modo de vida e às necessidades dos governantes. Não obstante, a maior parte da filosofia moral e política concerne ao modo de vida dos governantes. E um sinal disso é que estabelecemos as distinções entre os regimes políticos pelos seus modos de governar, classificando um como monarquia (a qual também chamamos de reinado), outro como aristocracia e um terceiro como democracia. Reconhecemos um grande número de regimes políticos, mas os chamamos por esses mesmos nomes, como se o princípio de sua particularidade fosse dado por eles. Sem dúvida, um tem como lei o comando do monarca; o outro, o dos aristocratas; e o terceiro, o do povo; e a lei é a matriz e a estrutura de um regime político (por isso alguns também afirmam que o justo é o predomínio do mais forte). Portanto, se a filosofia política, em sua maior parte,

⁶⁴ εὐριπτος designa qualquer tipo de estreito. Com o tempo, tal substantivo comum se particularizou para esse estreito que separa a Eubeia da Beócia, na Calcídica.

⁶⁵ História contada pelos helenos para explicar o nome do promontório Pelorias, no estreito de Messina, Sicília. De acordo com Pompônio Mela (*De situ orbis*, 2.116), os líbios aqui são os cartagineses sob o comando de Aníbal.

⁶⁶ Devido a configuração geográfica da Grécia, o único modo de adentrar a sua porção central e o que está ao sul dela — sem ter que recorrer a terrenos íngremes e com desfiladeiros — é justamente pela região das Termópilas (literalmente, *portões quentes*), sendo assim considerada a porta de entrada para a Hélade (9.4.13–5).

⁶⁷ Considerando o contexto favorável aos bárbaros e o caráter recente dos relatos, E. provavelmente alude à campanha de Marco Antônio contra os partos e aquela de P. Q. Varus na Alemanha.

concerne aos governantes, e a geografia concerne também às necessidades de governo, esta teria uma vantagem por causa disso.

(19) Todavia, essa vantagem concerne às ações. Ainda assim, esta disciplina também tem à disposição uma base teórica que não é banal, sendo de caráter técnico, matemático e físico⁶⁸, e disposta no registro histórico e nos mitos, os quais em nada concernem às ações. Por exemplo, se alguém comentasse as errâncias de Odisseu, de Menelau e de Jasão, daria a impressão de não contribuir em nada para o saber prático, o qual o homem de ação almeja — a menos que também misturasse lições úteis a esses acontecimentos inevitáveis —; entretanto, ainda assim propiciaria um entretenimento nada ignóbil a quem se interessa pelos lugares que embasaram a criação dos mitos. De fato, os homens de ação também buscam isso em virtude do que é estimado e agradável, embora comedidamente, porque zelam mais pelas coisas úteis, como é suposto; e, pela mesma razão, cabe ao geógrafo se ocupar mais destas coisas do que daquelas. E do mesmo modo se dá com a história e com as matemáticas, pois também nelas se deve acolher sempre o que há de útil e mais fidedigno.

(20) Acima de tudo, tal como foi dito, parece haver a necessidade da geometria e da astronomia⁶⁹ para tal tipo de matéria, e elas são realmente necessárias, pois formas, latitudes, dimensões e as demais características relacionadas a isso não são possíveis de serem apreendidas corretamente sem tal procedimento. Contudo, como os detalhes sobre a mensuração de toda a Terra são demonstrados alhures, aqui se torna necessário tomar como pressuposto e crível o que ali foi demonstrado; é preciso ter pressuposta a forma esférica do cosmo, a forma esférica da superfície da Terra e, antes mesmo delas⁷⁰, a tendência dos corpos em direção ao centro. E algo é explicado de forma sumária apenas se estiver de algum modo próximo da percepção sensível ou das noções gerais⁷¹. Por exemplo, que a Terra é esférica, há tanto a consideração remota, com base na tendência em direção ao centro e no fato de que cada corpo pende em o seu próprio eixo⁷², quanto a consideração imediata, com base nos

⁶⁸ Refere-se a φυσική, a disciplina que estuda os fenômenos naturais. E. a considera uma ἀρετή, ou seja, ela tem seus próprios princípios (ἀρχαί) e argumentos (πίστεις), não precisando de hipóteses externas, como as disciplinas matemáticas (2.5.2).

⁶⁹ O binômio geometria-astronomia está sob o guarda-chuva das matemáticas. Mesmo entre elas, E. define uma hierarquia: no topo está a física, que é seguida pela astronomia, pela geometria e só então pela geografia (2.5.2). A razão pela qual a astronomia tem mais prestígio do que a geometria reside na seguinte consideração: a primeira faz cálculos com base em movimentos harmônicos, constantes e previsíveis; já a segunda, com base em terrenos e formas muitas vezes irregulares, diversos e mutáveis.

⁷⁰ Como notado por Radt (2006), E. repete uma formulação lógica que é comum em Aristóteles. Além disso, o Estagirita explica a esfericidade da Terra com base na tendência em direção ao centro (*De Cael.* 297a8).

⁷¹ αὐτὸν μόνον ... μικρά é problemático por conta da transmissão manuscrita. Graças à conjectura oferecida por Madvig e aceita por Radt (2002), é possível identificar a existência de um αὐτὸν μόνον e a sua concordância com o particípio ἐπιστημονόμενον.

⁷² Utilizando a metáfora de uma balança com uma corda tensionada, E., com uma linguagem vacilante, tentou aludir a uma “lei da gravidade” (cf. Aujac, 1966, p. 98).

fenômenos que ocorrem nos pélagos e no céu. Pois bem, tanto a percepção sensível quanto a noção geral permitem comprová-la. Ora, a curvatura do mar claramente obstrui a visão dos navegantes, de modo que não conseguem ver as distantes luzes erguidas à mesma altura de seus olhos. E é certo que, uma vez erguidas acima do nível de seus olhos, elas se tornarão visíveis, mesmo se eles estiverem mais afastados delas. De modo semelhante, após se elevar o nível dos olhos, o que antes estava oculto agora é visto; o que o poeta também indica, pois é disso que se trata “adiante a visão ficou mais aguçada, quando foi elevado pelo vagalhão” (*Od.* 5.393). Também aos que navegam rumo ao litoral, as estruturas frente à costa⁷³ sempre se revelam de forma progressiva e o que antes parecia baixo fica cada vez maior. Já a revolução dos corpos celestes é perceptível de diversas formas, especialmente a partir das observações gnômicas⁷⁴: a noção que delas se depreende sugere diretamente que essa revolução não se sucederia em uma Terra com raízes até o infinito. Essas questões sobre as latitudes também são demonstráveis nas seções sobre os lugares habitados.

(21) Por ora, é necessário aceitar alguns fatos sem hesitação, sobretudo aqueles que são úteis ao homem político e ao comandante militar. Pois não se deve ignorar os fenômenos celestes e a posição da Terra de tal modo que, ao topar com lugares onde alguns fenômenos celestes são incomuns para a maioria das pessoas, fique confuso e diga coisas deste tipo: “Caros! Não sabemos onde ficam a escuridão⁷⁵ e a aurora, nem onde o Sol que traz luz aos mortais mergulha sob a terra nem de onde ele desponta” (*Od.* 10.190–2); tampouco deve ser tão minucioso a ponto de conhecer tudo em cada localidade: o que ascende e descende simultaneamente, o que cruza o meridiano ao mesmo tempo, a altura dos pólos, as constelações zenitais⁷⁶ e todos os demais fenômenos que variam a cada mudança de horizonte e, de modo simultâneo, de círculo setentrional, sejam eles ópticos ou naturais. Pelo contrário, não é necessário ponderar integralmente sobre essas coisas (a menos que se tenha em vista a contemplação filosófica), mas é preciso depositar confiança nelas, mesmo que não se enxergue o porquê. De fato, isso concerne apenas ao filósofo, ao passo que, para o homem político, não é concedido tamanho tempo livre (ao menos não sempre). Em verdade, o leitor deste tratado não deve ser tão simplório e desleixado a ponto de nunca ter visualizado um

⁷³ Como explicitado por Radt (2006), o adjetivo sugere uma desconexão desses objetos com a porção terrestre, ou seja, estão no mar e afastados da costa.

⁷⁴ A *gnômica* (2.1.35, 2.5.24) é a técnica pela qual retira-se resoluções astronômicas a partir do gnômon, a estrutura do relógio solar que é responsável por projetar a sombra (1.4.4).

⁷⁵ Dada a configuração tecida por Homero, não seria imprudente supor que, por estar contraposta ao amanhecer, ζῶφος identifica o Oeste. Todavia, em passagens posteriores, E. (1.2.28, 10.2.11–12) argumenta que o termo, na realidade, refere-se ao Norte, o que lhe permite justificar a confusa alocação de Ítaca dada pelo poeta.

⁷⁶ Visto que a sequência de referências elencadas por E. representa fenômenos celestes que variam de acordo com a localização, σημείον corresponde às constelações, como argumenta Radt (2006).

globo⁷⁷, nem os círculos traçados sobre ele (os paralelos, os perpendiculares a eles e os oblíquos), nem sequer a posição dos trópicos, do equador e do zodíaco, pelo qual o Sol é conduzido em seu curso e explica as variedades de zonas e de ventos. Pois bem, alguém que assimilou essas questões e aquelas relativas aos horizontes e aos círculos setentrionais, bem como as demais que são ensinadas num curso elementar de matemáticas, consegue, de uma maneira ou de outra, acompanhar as coisas que aqui são ditas. Em contrapartida, quem não sabe o que é uma linha reta ou curva, nem um círculo, nem sequer uma superfície esférica ou uma plana, e tampouco reconhece no céu as sete estrelas da Ursa Maior ou qualquer outra coisa dessa natureza, não deveria se ocupar com esta disciplina, ao menos não agora, mas antes precisaria entrar em contato com aqueles conteúdos, sem os quais não conseguiria se familiarizar com a geografia. Do mesmo modo, também aqueles que se ocuparam dos assim chamados portuários e périplos⁷⁸ produzem um exame incompleto quando não acrescentam tudo o que convém ser incluído das matemáticas e dos fenômenos celestes.

(22) Em suma, este tratado precisa ser de interesse geral: ter tanto um escopo político quanto ser útil ao povo, da mesma forma que uma obra de história. Também lá chamamos de homem político não quem é completamente inculto, mas quem completou o curso de educação básica habitual aos homens livres e aos adeptos da filosofia. Ora, quem não se dedicou em nada à virtude, ao saber prático e às discussões sobre esses assuntos não conseguiria tecer censuras nem elogios com retidão, nem sequer avaliar os eventos passados que são dignos de registro⁷⁹.

(23) É por isso que nós, ao termos produzido Comentários Históricos⁸⁰ úteis — como presumimos — à filosofia ética e política, decidimos acrescentar-lhes também este tratado, pois este possui uma natureza semelhante e convém aos mesmos homens, sobretudo àqueles em posições proeminentes. Ademais, do mesmo modo que lá as questões relativas aos homens ilustres e aos seus modos de vida são mencionadas, mas aquelas irrelevantes e corriqueiras são omitidas, também aqui é necessário descartar questões irrelevantes e desconhecidas e dedicar-se àquelas estimadas e grandiosas, e sobretudo àquelas que contêm

⁷⁷ Aqui, *σφαῖραν* pode se referir ou a um globo terrestre ou a um globo celeste. Essa indefinição também está presente em outras passagens semelhantes (2.5.10, 12.3.11).

⁷⁸ O périplo (literalmente, *circum-navegação*) era uma espécie de itinerário de viagem. Se portuários são de fato um outro estilo, a sua estrutura é uma incógnita, pois deles só restou fragmentos, como os de Timagetos (cf. *FGrHist.* IV). Dada a extrema escassez de mapas da antiguidade clássica que sobreviveram até o presente, também é incerto dizer a qualidade cartográfica deles ou mesmo o quão comum era essa arte nessa literatura.

⁷⁹ ὅσα μνήμης ἄξια De acordo com a argumentação de Radt (2006), o relativo ὅσα descreve o conteúdo desses temas e está relacionado com os três infinitivos da frase, e não somente com κρίνειν.

⁸⁰ Se essa referência de E. indica uma única obra do gênero, e se aqui ele mantém o seu hábito de se referir a um mesmo livro por seus capítulos, então devemos aceitar que aquelas outras duas obras mencionadas por ele (2.1.9; 11.9.3) seriam seções desta.

elementos práticos, facilmente memorizáveis e agradáveis. E da mesma forma que não averiguamos cada mínimo detalhe das estátuas colossais, mas nos atentamos mais à sua construção como um todo — se o seu conjunto é belo —, assim também deve ser o critério utilizado para as obras de geografia. Ora, esta também é uma espécie de obra colossal, a qual apresenta as coisas com base na grandeza e no todo, salvo se coisas pequenas puderem despertar o interesse do amante do conhecimento e do homem pragmático. Portanto, que a presente obra é significativa e apropriada ao filósofo, baste o que foi dito.

Referências

AUJAC, G. **Strabon et la science de son temps**, Paris: Les Belles Lettres, 1966.

AUJAC, G. Strabon et le stoïcisme. **Diotima**, v. 2, 1983, p. 17–29.

BORLINA, L. A. **A Geografia de Estrabão entre a cultura e o poder**. 2002. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2022.

DANDROW, E. Ethnography and identity in Strabo's Geography. In: DUECK, D. (ed.). **The Routledge Companion to Strabo**. New York: Routledge, 2017. Cap. 10, p. 113–124.

DUECK, D. **Strabo of Amasia: A Greek man of letters in Augustan Rome**. ed. 1. New York: Routledge, 2000.

GRAND-CLÉMENT, A. Poikilia In DESTREE P. et MURRAY, P. (eds.) **A Companion to ancient aesthetics**. Oxford: Wiley Blackwell, 2015. Cap. 27, p. 406–421.

HARACENKO, A. A. de S.; CRUZ, P. A. Estrabão e aspectos da sua “Geografia”. **Revista Contexto Geográfico**, [S. l.], v. 9, n. 21, p. 86–101, 2024. Disponível em: <<https://periodicos.ufal.br/contextogeografico/article/view/17651/12452>>. Acesso em: 11 de mai. de 2026.

KAHN, C. H. **The art and thought of Heraclitus**: An edition of the fragments with translation and commentary. Cambridge: Cambridge University Press, 1979.

KIDD, I.G. **Posidonius II The Commentary**: Testimonia and fragments 1–149. v. 1. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

LEBEDEV, A. **The Cosmos as a Stadium**: Agonistic Metaphors in Heraclitus' Cosmology. *Phronesis*, v. 30, n. 2, 1985, p. 131–150.

MAASS, E. **Aratea**, Berlin: Weidmann, 1892.

MALINOWSKI, G. Strabo the Historian In: DUECK, D. (ed.). **The Routledge Companion to Strabo**. New York: Routledge, 2017. Cap. 26, p. 337–352.

MARCOVICH, M. **Heraclitus**: Greek text with a short commentary. Merida: The Los Andes University Press, 1967.

RADT, S. **Strabons Geographika**: Mit Übersetzung und Kommentar herausgegeben von Stefan Radt. Prolegomena. Buch I–IV: Text und Übersetzung. v. 1. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 2002.

RADT, S. **Strabons Geographika**: Mit Übersetzung und Kommentar herausgegeben von Stefan Radt. Abgekürz zitierte Literatur. Buch I–IV: Kommentar. v. 5. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 2006.

RIBEIRO, A. M. **A África na Geografia de Estrabão**: a construção de paisagens egípcias, etíopes e líbias no Império Romano - volume I. 2022. 202f. Dissertação (Mestrado em História) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2022.

ROLLER, D. W. **A Historical and topographical guide to the Geography of Strabo**. Cambridge: Cambridge University Press, 2018.

SILVA, B. dos. S. **Estrabão e as Províncias da Gália e da Ibéria**: um estudo sobre A Geografia e o Império Romano. 2013. Dissertação (Mestrado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

SILVA, G. de A. **Estrabão e o domínio romano sobre a Ibéria**: Um estudo à luz dos conceitos de isotopia e heterotopia (27 a.C. - 23 d.C.). 2021. Dissertação (Mestrado em História Social das Relações Políticas) - Centro de Ciências Humanas e Naturais, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2021.

SØRENSEN, S. L. "So says Strabo": the reception of Strabo's work in antiquity. In: DUECK, D. (ed.). **The Routledge Companion to Strabo**. New York: Routledge, 2017. Cap. 27, p. 355–333.

YAKOVLEVA, A. V. Cardinal directions in Ancient Greek and the systems of spatial orientation. **Acta Linguistica Petropolitana**, São Petersburgo, ano 19, v. 17, n. 2, p. 289–326, 2021.

Recebido em: 20/10/2025
Aprovado em: 15/05/2026